

Arte e jogos melhoram boletim escolar

Diretor estimula participação dos alunos em atividades extra-classe e transforma pior colégio no mais procurado de Aracati

Liandra Paraguassú
Da equipe do Correio

Ninguém em Aracati, município a 142km de Fortaleza, capital cearense, tinha qualquer dúvida sobre qual era a pior escola da cidade. O Colégio Municipal, maior da cidade, ganhava qualquer pesquisa sobre onde os pais não colocariam seus filhos de jeito algum. Professores faziam de tudo para não dar aula lá. Não havia um vitral, de janelas ou porta, inteiro. E nada de valor sobrevivia aos ataques de ladrões.

Essas histórias, porém, fazem parte do passado, embora nem tão distante. O Colégio Municipal de Aracati tem hoje 2.200 alunos e filhas de pais para conseguirem matricular o filho. O laboratório cheio de computadores novos está intacto. Até mesmo alunos das escolas particulares estão migrando para o Municipal.

Qual a razão do milagre? A simples mudança da rotina dos cursos oferecidos. Pode-se começar pelas aulas de caratê, flauta, capoeira, teatro, balé e tudo que se possa imaginar. Ou com músicas de Chico, Caetano ou clássicos de Vivaldi, que tocam durante o recreio. Ou, ainda, com as reproduções de quadros famosos de Van Gogh e Rembrandt espalhadas pelas paredes.

Coisas aparentemente estranhas ao dia-a-dia de uma escola pública do interior do país. Na verdade, tudo faz parte de um projeto que começou em 1997 para mudar a cara do Colégio Municipal — e a educação em Aracati. “A escola para ser

eficaz precisa ter ambiente educativo, desde aspecto físico até a valorização da comunidade escolar e da comunidade do entorno”, diz o secretário de Educação do município, Augusto Álvaro Gomes.

Aí entram as aulas, a música no recreio, as paredes pintadas. A intenção da secretaria era transformar primeiro o Municipal, depois as outras escolas, em locais onde os estudantes gostassem de estar, respeitassem as regras, as instalações, os professores e a eles mesmos.

A primeira reforma começou pelas salas de aula, paredes e muros. “Não

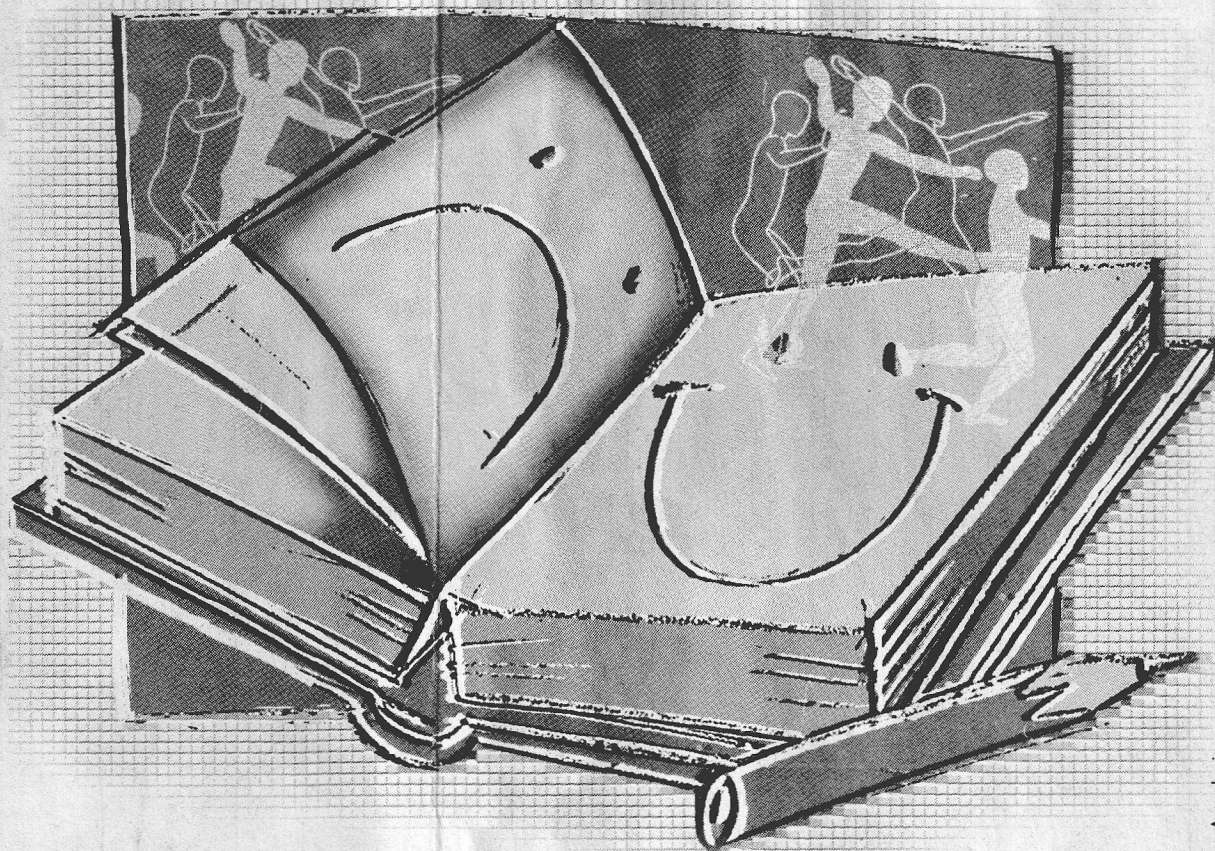
havia uma parede que não fosse pichada. O muro era cheio de buracos, usados por vadios para saquear a escola”, lembra Augusto. Para começar as aulas, foram concertadas 730 carteiras. “Quando os alunos chegaram, a escola era outra”, conta.

E era mesmo.

Não apenas as salas estavam todas restauradas, mas o Municipal ganhou algumas disciplinas inusitadas. Em qualquer um dos turnos, há salas para capoeira, balé, dança de rua e afro, teatro, aulas de flauta, coral, ginástica olímpica, caratê. A lista não tem fim.

AUTO-ESTIMA

Por que oferecer tudo isso a meninos e meninas que até pouco tempo não faziam a mínima questão de estar na escola? A resposta vem do irmão marista Eduardo D'Amorim, diretor da escola, chamado para ajudar a secretaria a dar um jeito na escola. “O aluno precisa ter prazer de estar no colégio”, diz ele. “Isso é essencial



Arte: Junior

para aumentar a auto-estima. E a confiança alta é o único caminho para melhorar o rendimento.”

Nada melhor, portanto, para aumentar a auto-estima do que ensinar alunos reticentes a fazer o que eles gostam. As salas de aula estão sempre cheias, mesmo que os alunos tenham que fazer as atividades extra-classe fora de seu horário normal de aula.

“Não é obrigatório, mas nossa intenção é massificar a atividade esportiva e artística”, diz o irmão Eduardo. “Nós motivamos todos a participarem.” Deu certo. Quase todos os 2.200 alunos estão matriculados em alguma atividade. E as salas cheias no extra-classe se refletiram em salas lotadas nas aulas normais. A frequência aumentou, a evasão e a repetência diminuíram.

Os meninos são não obrigados a passar de ano ou tirar boas notas para participar das oficinas, mas são obrigados a estar matriculados na escola.

E o lobby dos instrutores pelo estudo é forte. “Cada professor do extra-classe é orientado a fazer de cada grupo um grupo de vida”, diz. “Ele tem que se interessar pela vida do aluno, mostrar que precisa ser um ator com cultura, um esportista com cultura para não ficar marcando passo.”

Antes da mudança, a evasão no Colégio Municipal — que tem turmas desde a 5ª série até o 2º grau — era de 27,5% (em 1996). Em 1998, caiu para 5,1%, menos da metade dos números do município (12,9%). A aprovação é 98% dos alunos, sendo 87% sem recuperação. No município, é de 93%.

“São alguns resultados positivos que temos para mostrar”, diz D'Amorim. Na verdade, os resultados mais interessantes que a escola tem para mostrar não estão só nos números, mas nos alunos. Romildo de Oliveira, 18 anos, ex-menino de rua, é um exemplo dos bons resultados.

Ele foi expulso da última escola em

que estudou. Só fazia confusão. Passava o dia na rua. Agora, passa o dia na escola. De manhã, cursa a 6ª série. À tarde, faz dança de rua. À noite, toca flauta. O jeito meio atirado com que se apresenta com a turma da flauta não esconde a malandragem dos tempos de menino de rua. Mas os projetos de Romildo agora estão longe disso. “Meu sonho é tocar clarinete na banda”, conta. Por que Clarinete? “Acho muito bonito.”

TALENTOS

Pode ser que Romildo vá tocar na banda municipal. Pode até se transformar em um grande clarinetista. Ou não. Não importa. A intenção do programa não é criar gênios, mas dar segurança e devolver a auto-estima aos meninos. “Claro, que esse esforço acaba produzindo grandes talentos”, diz Augusto.

Aqueles que se destacam formam os times e grupos do colégio. Vários

prêmios já enfeitam as salas de arte e esportes. Um deles é o de Bailarino Revelação do Festival de Artes Marista de 1998, recebido por Francisco Reginaldo Costa, 20 anos, 5ª série.

O talento do bailarino chamou tanta atenção que irmão Eduardo conseguiu um convite para ele dançar com o Ballet de Londrina, considerado um dos melhores do país. “Fiquei três meses lá e queria que eu continuasse, mas tive medo”, conta Reginaldo. “Tive saudade, mas hoje me arrependo. Se tivesse outra chance, não desperdiçava.”

Antes de dançar, ele perambulava pela rua. “Vivia nas drogas, roubava.” Primeiro, fez ginástica olímpica, ainda fora da escola. Conheceu o balé quando seu professor o levou para ver uma apresentação em Fortaleza: “Apaixonei na hora, até chorei.” No Colégio Municipal, voltou a estudar e hoje é um dos monitores que dá aulas nas outras escolas de Aracati. “Não tenho do que me queixar”, diz.

Histórias de alunos que voltaram a escola atrás da arte, como Romildo e Reginaldo, são frequentes hoje no Municipal. Há filas de espera para novas matrículas ali.

Mas não são apenas as atividades extra-classe que mudaram a realidade do colégio. As oficinas levantaram a auto-estima dos alunos, fizeram com que a disciplina e o envolvimento com o estudo melhorassem. O ambiente no colégio, no entanto, permitiu que o aprendizado com as oficinas fosse aplicado na sala de aula.

“A escola moderna não é para ensinar matemática, português, geografia. É para educar no sentido integral”, diz irmão Eduardo. Então, no Municipal, os alunos aprendem que devem deixar sua escola limpa ao sair. Depois do recreio, voluntários limpam o pátio. No final de cada aula, os estudantes varrem sua sala e arrumam as carteiras, deixando tudo pronto para o dia seguinte. Nos intervalos, ouve-se música. O clima agora é de harmonia. “Eu não grito, meus educadores não gritam também”, explica o diretor. “Eles aprendem com esses exemplos. E com exemplo se aprende muito”, lembra.